



ciência plural

A DEPENDÊNCIA DOS HOMICÍDIOS E AS DESVANTAGENS SOCIOECONÔMICAS EM MUNICÍPIOS DO BRASIL

Dependence of homicides and socioeconomic disadvantages in municipalities of Brazil

André Luiz Barbosa de Lima • Doutor em Saúde Coletiva, Departamento de Vigilância em Saúde, Natal-RN, Brasil. E-mail: andreveterinario@hotmail.com

Taynara Regina Monte dos Santos • Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: taynaramontes@gmail.com

Eliana Mesquita da Silva • Departamento de Economia, Universidade Nilton Lins, Manaus-AM, Brasil. E-mail: eliamesquita@yahoo.com.br

Kenio Costa Lima • Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: limke@uol.com.br

Autor responsável pela correspondência:

André Luiz Barbosa de Lima. E-mail: andreveterinario@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O Brasil, em 2016, alcançou uma taxa bruta de mortalidade igual a 30,3 homicídios para cada 100 mil habitantes. Além de outras consequências, essa mortalidade apresenta impactos na saúde, na dinâmica demográfica e, por conseguinte, no processo de desenvolvimento econômico-social. **Objetivo:** Demonstrar as correlações significantes entre os homicídios e os índices de educação, pobreza e de desigualdade de renda entre os municípios brasileiros. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, onde foram avaliados 62.517 óbitos por homicídios em 2016. Foram calculadas taxas de mortalidade padronizada para idade por 100 mil habitantes, segundo local de residência, de todos os municípios brasileiros com mínimo de 100 mil habitantes. Os coeficientes de correlação Winsorizada foram utilizados para avaliar a dependência dos homicídios com índices de educação, pobreza e de desigualdade de renda. As razões de prevalência foram avaliadas com o teste exato de Fisher para medir a força de associação, considerando-se um nível de significância de 5%. **Resultados:** Os homicídios entre homens foram dez vezes mais prevalentes que entre as mulheres (RP=9,7 – p-valor<0,001), correspondendo a 93% dos homicídios. Os homicídios foram prevalentemente óbitos juvenis, onde 54,6% ocorreram na faixa etária entre 15 e 29 anos, onde 75% eram negros. Dos 15 municípios com menores taxas de homicídios, dez pertenciam ao estado de São Paulo. No outro extremo, metade dos 15 municípios mais violentos foram do estado da Bahia. Quanto maior a desigualdade de renda ou pobreza entre os municípios avaliados, maiores foram as taxas de homicídios observadas. Um efeito contrário foi observado com as maiores as expectativas de anos de estudo e de acesso à educação. **Conclusão:** Os municípios brasileiros com maiores problemas de violência homicida foram aqueles que apresentaram as maiores desigualdades sociais e pobreza. Em sentido contrário, a educação foi relacionada às menores taxas de homicídios.

Palavras-chave: Homicídio, mortalidade, violência.

ABSTRACT

Introduction: Brazil, in 2016, achieved a mortality rate equal to 30.3 homicides per 100,000 inhabitants. In addition to other consequences, this mortality has impacts on health, demographic dynamics and, consequently, the process of socio-economic development. **Objective:** Aimed to demonstrate the significant correlations between homicides and the indices of education, poverty and income inequality among municipalities in Brazil. **Methods:** A cross-sectional study was used, where 62,517 homicide deaths were assessed in 2016. Age-standardized mortality rates per 100,000 inhabitants, according to place of residence, were calculated for all Brazilian municipalities with a minimum of 100,000 inhabitants. Winsorized correlation coefficients were used to evaluate the dependence of homicides with indices of education, poverty and income inequality. Prevalence ratios were assessed using Fisher's exact test to measure the strength of association, with a significance level of 5%. **Results:** Homicides among men were ten times more prevalent than among women (PR = 9.7 - p-value <0.001), corresponding to 93% of homicides. The homicides were predominantly juvenile deaths, where 54.6% occurred in the age group between 15 and 29 years, where 75% were black. Of the 15 municipalities with the lowest homicide rates, ten belonged to the state of São Paulo. At the other extreme, half of the 15 most violent municipalities were from the state of Bahia. The greater the inequality of income or poverty among the municipalities evaluated, the higher the homicide rates observed. An opposite effect was observed with the higher expectations of years of study and access to education. **Conclusion:** The Brazilian municipalities with the greatest problems of homicidal violence were those that presented the greatest social inequalities and poverty. On the contrary, education was related to lower homicide rates.

Keywords: Homicide, mortality, violence

Introdução

O homicídio, considerado como a morte intencionalmente provocada, é um importante marcador da violência social. Apesar disso, não é tratado como prioridade pela sociedade e nem pelo Estado brasileiro ¹. O Brasil, em 2016, alcançou 62.517 homicídios, o equivalente a uma taxa bruta de mortalidade igual a 30,3 homicídios para cada 100 mil habitantes. Apenas na última década, meio milhão de pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil ², um número equivalente aquele visto na Guerra da Síria desde o início do conflito há sete anos ^{3,4}.

Além de outras consequências, essa mortandade apresenta impactos na saúde, na dinâmica demográfica e, por conseguinte, no processo de desenvolvimento econômico-social ². A questão mais alarmante é que mais da metade dos homicídios ocorridos no Brasil são referentes à população jovem masculina entre 15 a 29 anos de idade, principalmente negros ^{4,5}. Além disso, a variação percentual das taxas brutas de homicídios entre 2006 e 2016, segundo local de residência da vítima, se inseriu no intervalo entre 257% para o estado do Rio Grande do Norte e -47% para São Paulo, com as Regiões Norte e Nordeste, respectivamente, liderando as taxas de homicídio, e 2,2% dos municípios concentrando metade dos homicídios no Brasil em 2016 ².

Os homicídios apresentam relações multifatoriais e de causalidade complexa com fatores estruturais e sociais. Talvez por isso, os resultados nem sempre são consistentes ao se buscarem evidências de associações entre os óbitos por homicídios e os indicadores sociais ⁶. Contudo, a pobreza e a desigualdade parecem ter maior força de associação com os homicídios, não de maneira direta, senão mediadas pelas instituições, principalmente no controle do consumo de bebidas alcoólicas, porte de armas de fogo e no combate à pobreza ⁷. No Brasil, o álcool é a droga lícita mais detectada entre vítimas e infratores do homicídio e as armas de fogo o meio mais utilizado para perpetrar tal crime; tudo isso associado com um nível baixo de enforcement ^{8,9}. Por outro lado, observa-se que o aumento na renda da parcela mais pobre da população favorece a queda nos coeficientes de homicídios ¹⁰. Assim, no sentido de controlar a violência homicida, faz-se necessário que os governos locais, estaduais e federais implantem políticas públicas voltadas ao aumento da oferta de empregos e reduzam a miséria nos municípios brasileiros ¹¹.

Na expectativa de trazer mais elementos para o estudo da causalidade dos homicídios no contexto brasileiro, objetiva-se demonstrar as correlações significantes (dependência) entre os homicídios e os índices de educação, pobreza e de desigualdade de renda entre os municípios com mais de 100 mil habitantes.

MÉTODOS

Amostra e coleta de dados

Trata-se de um estudo transversal baseado nos dados do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), Ministério da Saúde. Foram avaliados 62.517 óbitos por agressões intencionais e intervenções legais (CID-10 X85-Y09, Y35-36), considerados homicídios. As bases de dados consultadas não apresentam informações sigilosas e são de domínio público, dispensando-se aprovação junto ao comitê de ética em pesquisa, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510, de 07 de abril de 2106.

Variável dependente

A variável dependente do estudo foi a taxa padronizada (por idade) de homicídio por 100 mil habitantes, segundo local de residência, calculada para todos os municípios brasileiros com 100 mil ou mais habitantes através do método direto de padronização, totalizando 309 municípios avaliados. Para tanto, utilizou-se a população-padrão brasileira do Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A redistribuição das causas mal definidas de óbito seguiu a metodologia proposta por Mathers et al. (2003), que assume que a distribuição das causas verdadeiras desses óbitos é a mesma que a dos óbitos relatados para causas naturais (não externas). Assim, para cada ano e para cada um dos municípios, foram calculados fatores de correção por faixas etárias agrupadas quadrienalmente, segundo o seguinte cálculo: $(\text{total de óbitos} - \text{óbitos por causas externas}) / (\text{total de óbitos} - \text{óbitos por causas externas}) - \text{óbitos por causas mal definidas}$.

Variáveis independentes

As variáveis socioeconômicas, obtidas do Atlas Brasil 2013, foram agrupadas em três eixos:

- Desigualdade de renda:
 - Razão 20% mais ricos/40% mais pobres – medida de desigualdade existente na distribuição de indivíduos, segundo a renda domiciliar *per capita* no ano 2010.
 - Índice de Gini – medida de desigualdade existente na distribuição de indivíduos, segundo a renda domiciliar *per capita* no ano 2010. Varia de zero, quando não há desigualdade de renda, a 1, quando a desigualdade é máxima.

- Pobreza:

- Porcentagem de pobres – proporção dos indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$140,00 mensais (em reais de agosto de 2010).
- Porcentagem de vulneráveis à pobreza – proporção dos indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$255,00 mensais (em reais de agosto de 2010, ½ salário mínimo).
- Educação:
 - Expectativa de anos de estudo – número médio de anos de estudo que uma geração de crianças que ingressa na escola deverá completar ao atingir 18 anos de idade, se os padrões atuais se mantiverem ao longo de sua vida escolar.
 - IDHM educação – índice sintético da dimensão educação que compõe o índice de desenvolvimento humano municipal. É um *proxy* da oportunidade de ter acesso ao conhecimento (educação).

Métodos estatísticos

Os coeficientes de correlação Winsorizada, ρ_w (rho), foram utilizados para avaliar a dependência entre a variável dependente (x) e as respectivas variáveis independentes (y) ($H_0: \rho_w=0$), resolvendo os efeitos dos valores extremos em x e y , considerando-se que os dados não atendem ao pressuposto de normalidade. Foram Winsorizados 20% dos pares de observação x e y . Se o valor da correlação Winsorizada for positivo, indica que há uma associação positiva entre a maior parte das observações. Se for negativo, o inverso é verdadeiro. As razões de prevalência (RP) foram avaliadas juntamente com o teste exato de Fisher para medir a força de associação. Foi considerado um nível de significância α igual a 0,05, e um intervalo de confiança de 95% (IC95).

RESULTADOS

Caracterização geral da amostra

Os homicídios entre homens foram dez vezes mais prevalentes que entre as mulheres (RP=9,7 – p-valor<0,001), correspondendo a 93% dos homicídios (IC95: 92,3-92,8). Homens e mulheres apresentaram idade mediana de 27 anos e 32 anos de idade, respectivamente. Desta forma, os homicídios se caracterizaram como óbitos juvenis, onde 54,6% ocorreram na faixa etária entre 15 e 29 anos (RP=19,1 – p-valor<0,001). Quando avaliada a raça/cor das vítimas, observou-se que 75% (IC95: 75,0-75,7) eram

negros (RP=3,6 – p-valor<0,001), considerados aqueles classificados como pretos ou pardos em comparação aos demais. A maior parte das vítimas era composta de solteiros (75%) e com quatro a sete anos de estudo (40%). Os homicídios ocorreram principalmente no período da noite, entre 6h30min (1º quartil) e 20h (3º quartil), se concentrando entre as 20h e 0h, sendo três vezes mais prevalentes que os demais horários (RP=3,2 – p-valor<0,001). Enquanto os homicídios ocorridos dentro da residência foram duas vezes mais prevalentes entre as mulheres (RP=1,7 – p-valor<0,001), os homicídios em via pública foram 11 vezes mais prevalentes entre os homens (RP=10,6 – p-valor<0,001).

Distribuição de violência homicida

As proporções de homicídios em relação a todas as outras causas básicas de óbito entre homens, exclusive as causas mal definidas, foram maiores que aquelas entre as mulheres em todas as Unidades Federativas brasileiras, variando as razões destas proporções de quatro (Roraima) a 16 vezes (Sergipe). Assim, a desigualdade entre homens e mulheres nos homicídios foi uma constante entre as Unidades Federativas brasileiras (Figura 1).

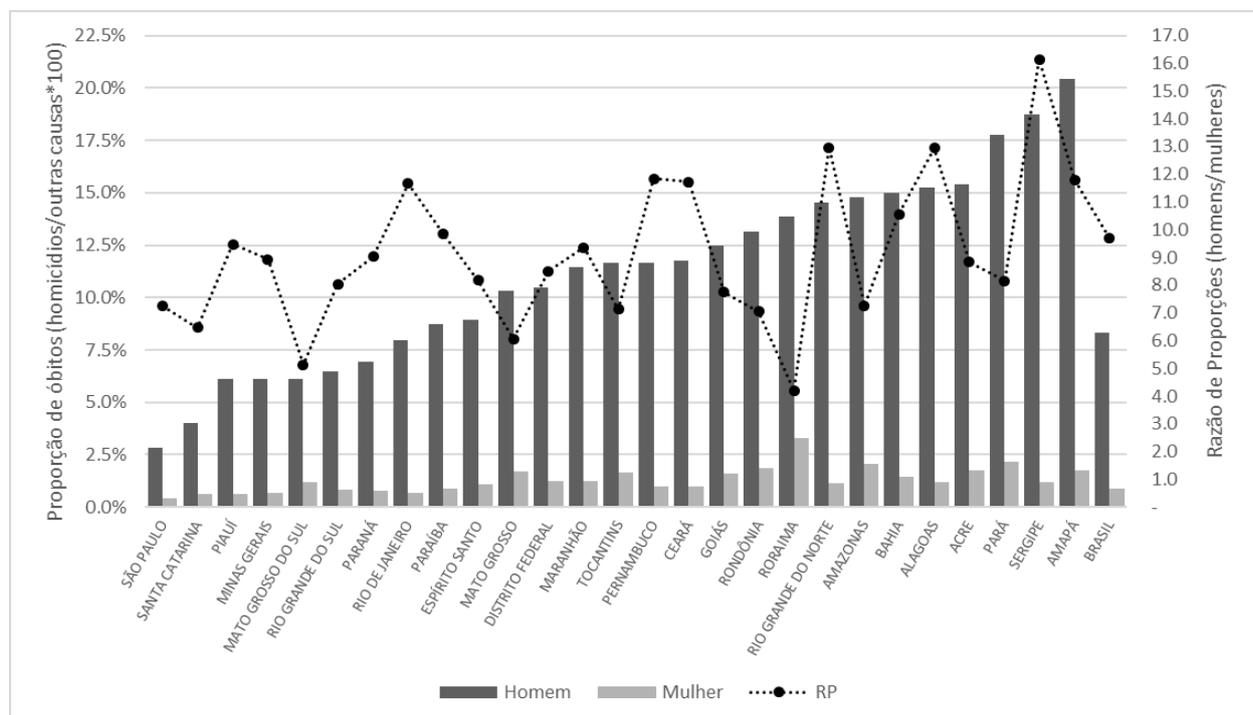


Figura 1 – Proporção dos homicídios em relação a todas as outras causas básicas de óbito, exclusive as mal definidas, segundo sexo e Unidade Federativa (local de residência), e as respectivas razões de proporção entre homens e mulheres, Brasil, 2016.

Considerando-se apenas os municípios com 100 mil habitantes ou mais, Valinhos-SP foi a cidade com menor taxa de homicídios (2,4 homicídios por 100 mil habitantes), 13 vezes menor que a taxa de homicídios no Brasil. Dos 15 municípios com menores taxas de homicídios, dez pertenciam ao estado de São Paulo. No outro extremo, Queimados-RJ é a o município mais violento (142,6 homicídios por 100 mil habitantes), com uma taxa cinco vezes maior que a do Brasil. No entanto, metade dos 15 municípios mais violentos foram do estado da Bahia (Figura 2).

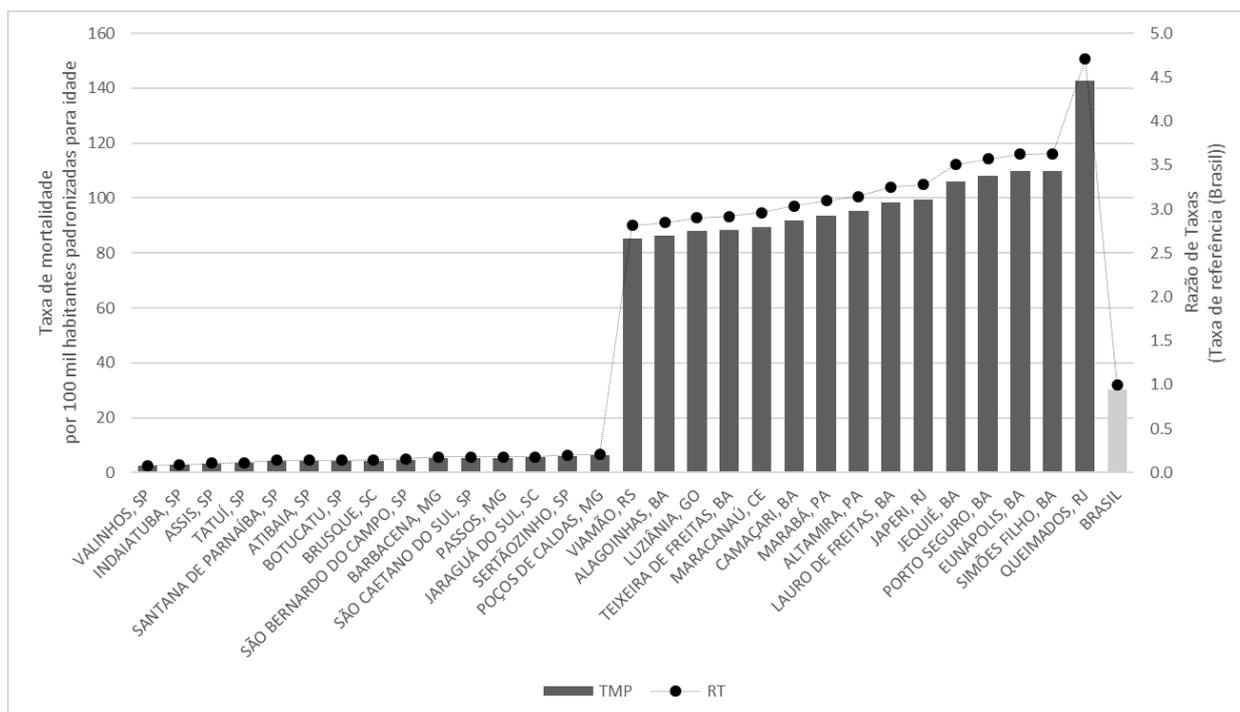


Figura 2 – Taxas de homicídio por 100 mil habitantes, padronizadas para idade e corrigidas pelas causas mal definidas, segundo os 30 municípios com 100 mil ou mais habitantes situados nos extremos da distribuição, e as respectivas razões de taxa, considerando-se a categoria de referência como a taxa do Brasil, 2016.

Dentre as capitais brasileiras, Belém-PA, Aracajú-SE, Rio Branco-AC e Natal-RN foram as cidades mais violentas com taxas de homicídio pelo menos duas vezes maiores que aquela do Brasil. Por outro lado, São Paulo-SP, Florianópolis-SC, Vitória-ES e Campo Grande-MS foram as cidades menos violentas. Comparativamente, a taxa de homicídios em Belém-BA superou em sete vezes a de São Paulo-SP. As capitais do Norte e Nordeste brasileiro lideraram a lista como as mais violentas (Figura 3).

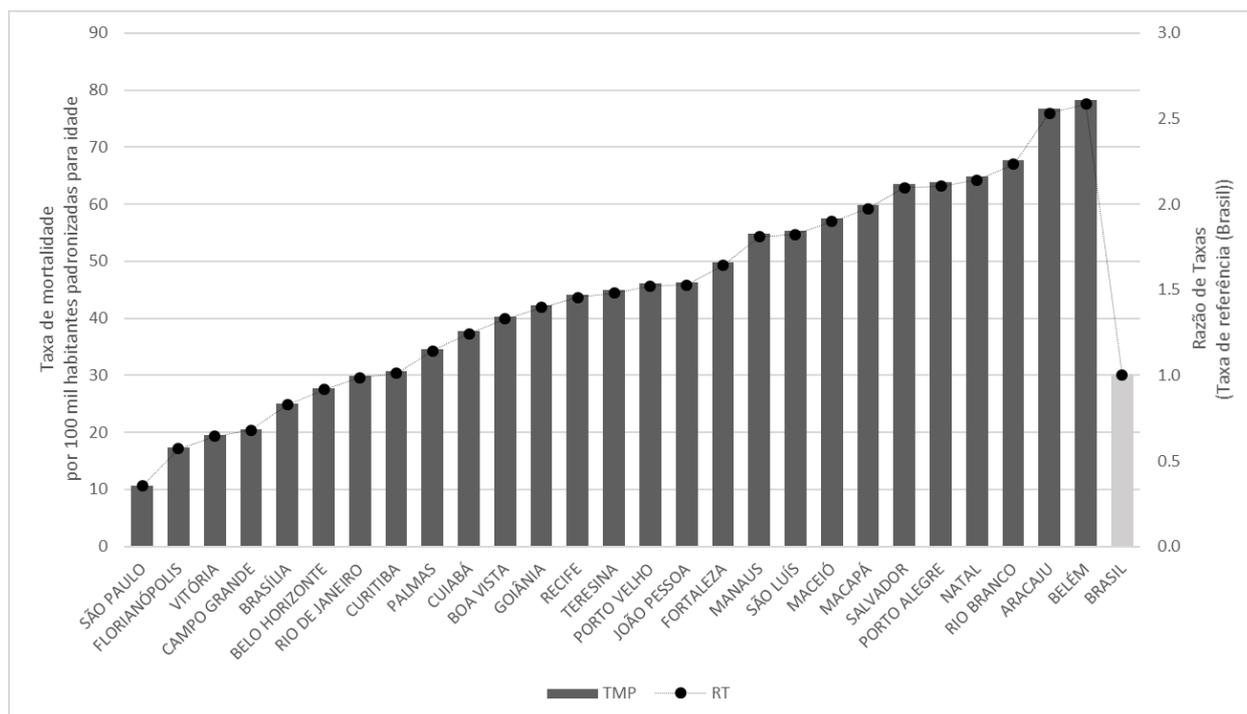


Figura 3 – Taxas de homicídio por 100 mil habitantes, padronizadas para idade e corrigidas pelas causas mal definidas, segundo as capitais brasileiras e suas respectivas razões de taxa, considerando-se a categoria de referência como a taxa do Brasil, 2016.

Com uma taxa de mortalidade de 44,6 e 43,7 homicídios por 100 mil habitantes, a Região Norte e Nordeste, respectivamente, superaram em duas vezes a taxa prevista para a Região Sudeste. Teoricamente, se a Região Norte e Nordeste experimentassem as mesmas condições da Região Sudeste, poderiam reduzir 56% dos homicídios, isto é, 25 óbitos para cada 100 mil habitantes (Tabela 1).

Tabela 1 – Razões e diferenças de taxa de homicídio, considerando-se a Região Sudeste como categoria de referência, segundo as Grandes Regiões brasileiras, Brasil, 2016.

GRANDE REGIÃO	TM	RT	DT	DT%
Sudeste	19,5	Ref	Ref	Ref
Sul	24,8	1,3	5,3	21,4%
Centro-Oeste	36,1	1,9	16,6	46,0%
Nordeste	43,7	2,2	24,2	55,4%
Norte	44,6	2,3	25,1	56,3%

TM, Taxa bruta de mortalidade; RT, razão de taxa; DT, diferença de taxa; DT%, diferença percentual de taxa; Ref, categoria de referência.

Contexto socioeconômico dos homicídios

Os coeficientes de correlação indicaram uma dependência estatisticamente significativa entre os homicídios e as desigualdades de renda, a pobreza e a educação. Quanto maior a desigualdade de renda entre os municípios avaliados, maiores foram as taxas de homicídios observadas. Esta relação existiu também quanto a pobreza. Entretanto, as dependências foram maiores nas relações de pobreza que propriamente nas desigualdades de renda. Por fim, quanto maiores as expectativas de anos de estudo e de acesso à educação, menores foram as taxas de homicídios entre os municípios (Tabela 2).

Tabela 2 – Coeficientes de correlação Winsorizada para as taxas padronizadas de homicídios e as variáveis socioeconômicas, considerando-se os municípios com 100 mil ou mais habitantes, Brasil, 2016.

EIXOS	TMP		
	ρ_w	T	p-valor*
Desigualdade:			
<i>Razão 20% mais ricos/40% mais pobres</i>	0,255	4,61	<0,001
<i>Índice de Gini</i>	0,218	3,91	<0,001
Pobreza:			
<i>Porcentagem de pobres</i>	0,666	15,65	<0,001
<i>Porcentagem de vulneráveis à pobreza</i>	0,680	16,23	<0,001
Educação:			
<i>Expectativa de anos de estudo</i>	-0,623	-13,94	<0,001
<i>IDHM educação</i>	-0,608	-13,42	<0,001

*Valores estatisticamente significantes ($\alpha=0,05$) indicam que as variáveis são dependentes (graus de liberdade=185).

DISCUSSÃO

Em 2016, o perfil das vítimas de homicídios no Brasil foi de homens jovens, negros e pobres. Não diferente e coincidente deste cenário, os homens negros constituíram 60,4% da população carcerária brasileira (33,0% brancos e 0,7% outros), a maioria eram presos jovens (55%) com menos de 30 anos de idade ¹². As taxas de homicídios entre jovens guardam grandes semelhanças globais bem como grandes diferenças regionais: boa parte das nações afetadas estão em desenvolvimento, caracterizadas por conflitos socioeconômicos, sistemas de seguridade social fracos, grandes desigualdades sociais e uma cultura de violência ¹³. Estes homicídios, além de muitos outros efeitos negativos, impactam profundamente na qualidade de vida das famílias, desencadeando doenças e problemas psicossomáticos e financeiros aos indivíduos ¹.

O que se vê propriamente é que a sociedade, de maneira geral, não consegue enxergar o homicídio como fruto da própria violência social, uma vez que ninguém nasce homicida. A sociedade cria seu “monstro” e depois busca condenar sua existência como um paradigma social. Os jovens tendem a cometer mais crimes quando sofrem agressões (física, sexual ou psicológica por seus pais ou outros), apresentam problemas de saúde mental, pertencem a grupos de renda familiar baixa, têm baixa escolaridade ou família e/ou amigos presos, ou consomem drogas ¹⁴. Obviamente que estes fatores estão reunidos dentro de um contexto mais complexo e abrangente que envolve condições socioeconômicas e psicossociais desfavoráveis para que o jovem estabeleça um convívio social harmônico e estável. Estes contextos desfavoráveis, onde afloram as injustiças sociais, não possibilitam ao jovem ter acesso ao mercado de trabalho com renda, à educação e cultura, bem como à saúde e seguridade social, sendo suficientemente capazes de macular a dignidade da pessoa humana. Ao mesmo tempo, a guerra às drogas mata e prende a ponta do tráfico, aqueles jovens que são aliciados a participar desse negócio em redes de exploração de trabalho pela ilegalidade e rentabilidade do contrabando de drogas ilícitas, agravado por uma política proibicionista ¹⁵.

O negro apresenta uma maior susceptibilidade aos homicídios devido ao fato que, no Brasil, é discriminado pela condição socioeconômica e sua cor de pele ¹⁵. Não é a pobreza propriamente, mas a combinação de desvantagens sociais que os negros estão sujeitos ¹⁶. As elites brasileiras construíram a noção de periculosidade com base na concepção de que o indivíduo pobre, negro, semialfabetizado e morador da periferia poderia desenvolver atos perigosos e entrar para a criminalidade ¹⁷.

Legitima-se o extermínio, baseado em uma meritocracia e na prática de uma guerra civil não declarada, mas que gera uma verdadeira mortandade. A “política de guerra contra às drogas” cada vez mais gera um efeito perverso do massacre de negros, jovens, pobres e moradores de periferia ¹⁵. Em outra frente, os poucos que tentam traduzir tais mortes em luta, militantes de Direitos Humanos, são acusados de “defender bandidos”. Faz-se uma distorção de que os Direitos Humanos são para “humanos direitos” e não para “bandidos” ¹⁸. Entretanto, isso não faz nenhum sentido. O bandido não surge antes que as condições socioeconômicas e psicossociais o permitem prosperar em meio a sociedade, dentro de um contexto de injustiças sociais concretas. Tais injustiças sociais pensadas em termos de não redistribuição de oportunidades de realização, incluindo, mesmo que limitadamente, a renda e a riqueza.

Existe uma relação robusta entre as taxas de homicídio e as desigualdades de renda ¹⁹. Esta relação parece ser parte de uma tendência mais geral para a qualidade das relações sociais serem piores em sociedades mais desiguais, onde as pessoas passam a confiar menos umas nas outras e se envolvem menos na vida comunitária. Há níveis mais baixos de capital social e os níveis de hostilidade são mais

elevados, com componentes de discriminação contra as minorias e contra a mulher ²⁰. A desigualdade de renda pode produzir a quebra de coesão social, levando ao aumento dos casos de homicídios ²¹. Embora estudos refutem esta relação ^{22,23}, discordamos dos métodos utilizados para se chegar a tais conclusões. A cultura da honra também foi apontada como um componente importante dos homicídios, especialmente na Região Nordeste, que relaciona-se com a valorização dos costumes e apresenta-se como uma imposição social que se opõe à inteligência e expressão emocional individuais ²⁴.

O fenômeno da urbanização, associado com as redes de atividades ilegais mencionadas anteriormente, desenvolvimento econômico insuficiente e desigual e a pobreza foram apontados como responsáveis por grande parte dos homicídios no Brasil ²⁵. A Região Nordeste tem se destacado no crescimento da violência homicida, principalmente em Pernambuco, Alagoas e Bahia, sendo responsáveis por dois terços dos homicídios no País. De 1999 a 2008, a Bahia teve um impacto percentual nos números absolutos de 430% de crescimento ²³. Contudo, é sabido que os investimentos no acesso e qualidade da educação básica contribuem bastante para elevar o nível de vida da população, promovendo o desenvolvimento social e diminuindo as taxas de criminalidade. Exemplo disso foi observado em Pernambuco, entre 1999 e 2007, onde a baixa escolaridade apresentou significativa relação com os homicídios ²³.

CONCLUSÃO

Os municípios brasileiros com maiores problemas de violência homicida foram aqueles que apresentaram as maiores desigualdades sociais e pobreza. Entretanto, a pobreza demonstrou uma dependência maior que a desigualdade social em relação à violência homicida. Em sentido contrário, a educação foi relacionada às menores taxas de homicídios. Portanto, apesar das limitações metodológicas de uma análise bivariada, sem controle por outros fatores determinantes, este estudo permite prever que as políticas públicas devem ser direcionadas no sentido de redução da pobreza e das desigualdades sociais, seja através da geração de trabalho e renda ou de redistribuição desta, bem como de esforços na melhoria de acesso ao ensino de qualidade, principalmente nas áreas de contextos socioeconômicos desfavoráveis.

REFERÊNCIAS

1. Costa DH da, Schenker M, Njaine K, Souza ER de. Homicídios de jovens: os impactos da perda em famílias de vítimas 1,2. *Physis Rev Saúde Coletiva*. 2017 Jul;27(3):685–705.

2. Cerqueira D, Lima RS de, Bueno S, Neme C, Ferreira H, Coelho D, et al. Atlas da violência 2018. Ipea. Rio de Janeiro: IPEA e FBSP; 2018.
3. The Syrian Observatory for Human Rights [Internet]. During 7 consecutive years... about 511 thousand people killed since the start of the Syrian revolution in 2011. 2018 [cited 2018 Nov 1]. Available from: <http://www.syriahr.com/en/?p=86573>
4. Barros JPP, Benicio LF de S, Silva DB da, Leonardo C dos S, Torres FJP. Homicídios Juvenis e os Desafios à Democracia Brasileira: Implicações Ético-políticas da Psicologia. *Psicol Ciência e Profissão*. 2017 Dec;37(4):1051–65.
5. Soares Filho AM, Souza M de FM de, Gazal-Carvalho C, Malta DC, Alencar AP, Silva MMA da, et al. Análise da mortalidade por homicídios no Brasil. *Epidemiol e Serviços Saúde*. 2007 Mar 7;16(1):94–102.
6. Sousa CAM de, Silva CMFP da, Souza ER de. O efeito do contexto sobre a incidência de homicídios: existem evidências suficientes? *Interface - Comun Saúde, Educ*. 2018 Sep;22(66):915–27.
7. Briceño-León R. La Comprensión de los Homicidios en América Latina: ¿Pobreza o Institucionalidad? *Cien Saude Colet*. 2012 Dec;17(12):3159–70.
8. Souza ER de, Melo AN de, Silva JG e, Franco SA, Alazraqui M, González-Pérez GJ. Estudo multicêntrico da mortalidade por homicídios em países da América Latina. *Cien Saude Colet*. 2012 Dec;17(12):3183–93.
9. Dayrell M, Caiaffa WT. Homicídios e consumo de drogas: breve revisão contextualizada em uma zona urbana metropolitana. *Rev Med Minas Gerais*. 2012;22(3):321–7.
10. Marques Junior K. A renda, desigualdade e criminalidade no Brasil: uma análise empírica. *Rev Econ NE*. 2014;45(1):34–46.
11. Trindade RFC da, Costa FA de MM, Silva P de PAC da, Caminiti GB, Santos CB dos. Map of homicides by firearms: profile of the victims and the assaults. *Rev da Esc Enferm da USP*. 2015 Oct;49(5):748–55.
12. Ministério da Justiça. Infopen - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias [Internet]. Infopen. 2016 [cited 2018 Dec 17]. Available from: <http://dados.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias1>
13. Legge S. Youth and violence: Phenomena and international data. *New Dir Youth Dev*. 2008 Jun;2008(119):17–24.
14. Murray J, Cerqueira DR de C, Kahn T. Crime and violence in Brazil: Systematic review of time trends, prevalence rates and risk factors. *Aggress Violent Behav*. The Authors; 2013 Sep;18(5):471–83.

15. Lemos FCS, Aquime RHS, Franco ACF, et al. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. *Pesqui e Práticas Psicossociais*. 2017;12(1):164–76.
16. Peres MFT, Cardia N, Mesquita Neto P, et al. Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo , Brasil. *Rev Panam Salud Publica*. 2008;23(20):268–76.
17. Duriguetto ML. Criminalização das classes subalternas no espaço urbano e ações profissionais do Serviço Social. *Serviço Soc Soc*. 2017 Apr;128(128):104–22.
18. Sanjurjo L, Feltran G. Sobre lutos e lutas: violência de estado, humanidade e morte em dois contextos etnográficos. *Cienc Cult*. 2015 Jun;67(2):40–5.
19. Hsieh CC, Pugh MD. Poverty, income inequality, and violent crime: A meta-analysis of recent aggregate data studies. *Crim Justice Rev*. 1993;18(2):182–202.
20. Wilkinson R. Why is Violence More Common Where Inequality is Greater? *Ann N Y Acad Sci*. 2006 Jan 12;1036(1):1–12.
21. Lynch J, Smith GD, Harper S, Hillemeier M. Is Income Inequality a Determinant of Population Health? Part 2. U.S. National and Regional Trends in Income Inequality and Age- and Cause-Specific Mortality. *Milbank Q*. 2004 Jun;82(2):355–400.
22. Nóbrega Júnior JMP. Violência homicida no Nordeste brasileiro: Dinâmica dos números e possibilidades causais. *Dilemas - Rev Estud Conflito e Control Soc*. 2017;10(3):553–72.
23. Nóbrega Júnior JMP, Zaverucha J. Violência homicida no nordeste brasileiro: uma refutação às explicações baseadas na desigualdade e na pobreza. *Anuário Antropológico [Internet]*. 2010 Dec 1;(II):53–87. Available from: <http://journals.openedition.org/aa/895>
24. Taissun AS, Souza BC de, Silva ES da, Souza MGTC de. Explorando os elementos psicossociais da criminologia do homicídio no nordeste: um estudo empírico. *Rios Eletrônica*. 2012;6(6):105–19.
25. Tavares R, Catalan VDB, Romano PM de M, Melo EM. Homicídios e vulnerabilidade social. *Cien Saude Colet*. 2016 Mar;21(3):923–34.

Submetido: 20/11/2018

Aprovado: 08/02/2019